

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESPORTIVA DOS FILHOS

Antonio Carlos SIMÕES*
Maria Tereza Silveira BÖHME*
Sidimar LUCATO*

RESUMO

O esporte infanto-juvenil é um modelo social que faz parte da formação do ser humano na infância e adolescência. É organizado em função dos valores sociais e culturais onde é desenvolvido, sendo inevitável o estabelecimento de um vínculo entre o esporte, a criança/adolescente e o adulto, que envolve paternalismo, emoções e “pressões” das lideranças destes, como uma espécie de “ritual” entre pais e filhos. Entende-se, assim, que as lideranças adultas poderiam influir decisivamente na formação esportiva em idade escolar. O presente estudo teve por objetivo estudar a participação dos pais na vida esportiva de jovens atletas - participantes do esporte escolar. Duzentos e trinta e cinco escolares participaram da pesquisa, respondendo questões descritivas e objetivas quanto à participação do pai e da mãe separadamente, em relação à assistência direta, nível de incentivo, nível de exigência para a prática esportiva e nível de exigência para que os filhos se tornassem bons atletas. Não foram encontradas relações estatisticamente significativas das variáveis estudadas entre o papel da mãe e o fato do(a) jovem atleta ser garoto ou garota; já em relação ao papel do pai, verificou-se influências significativas do mesmo nas variáveis “nível de exigência para a prática esportiva” e “nível de exigência para tornar-se um bom atleta” e o fato do filho ser do sexo masculino ou feminino. Os resultados observados sugerem uma exigência maior do pai em relação ao filho (46%) do que à filha (38%).

UNITERMOS: Participação dos pais; Crianças - prática esportiva; Escola - competição.

INTRODUÇÃO E PROBLEMÁTICA

O Esporte é um fenômeno que chama a atenção dos indivíduos no universo da sociedade contemporânea. O modelo social inclui, entre outras instituições, a família, a escola, o clube esportivo, os quais afetam os indivíduos em relação às suas potencialidades e à sua formação esportiva. O dinamismo desses fatos está relacionado com os acontecimentos que envolvem a vida esportiva das crianças e a participação/atuação dos adultos no ambiente esportivo.

Nesse sentido é necessário diferenciar conceitualmente os termos “prática escolar esportiva” e “prática esportiva escolar”; segundo Felker (1998), a “prática escolar

esportiva” refere-se ao esporte enquanto um dos conteúdos a ser desenvolvido pela Educação Física dentro do currículo escolar; enquanto “práticas esportivas escolares”, são atividades extra-curriculares que podem ser denominadas “turmas de treinamento esportivo”, com finalidade de representação escolar em competições ou não. As manifestações esportivas no período da vida escolar do adolescente são diversas, indo desde as orientações educativas das práticas escolares esportivas, passando pela prática esportiva escolar, até a institucionalização dos jogos estudantis. Esse processo inclui a interação e o interesse dos pais,

* Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

professores, técnicos esportivos, os sistemas escolar e esportivo da sociedade.

O esporte espetáculo incentiva as potencialidades dos indivíduos para o esporte de alto rendimento, estimulando-os para tornarem-se bons atletas, relacionando deste modo, o processo da orientação educativa esportiva nas escolas, o estímulo social, e o papel que os pais podem desempenhar para que seus filhos atinjam esses objetivos. Esse processo leva aos problemas referentes aos aspectos social e funcional das práticas esportivas escolares. “Revelar atleta(s)” tem maior repercussão na sociedade do que discutir a orientação educativa e participativa dos adultos na vida esportiva do indivíduo em idade escolar; o interesse dos pais seria o de decidir e agir construtivamente, para que seus filhos se tornem bons atletas, o que é feito através do incentivo para a participação em “escolinhas de esporte”, como basquetebol, handebol, futebol, natação, entre outras modalidades.

No entanto, a valorização do talento esportivo pode prejudicar a socialização pelo comportamento competitivo, contribuindo para o surgimento de problemas teóricos e metodológicos no esporte escolar. Qualquer que seja o papel atribuído à participação dos pais na vida esportiva dos filhos, a relação entre esses personagens deve ser cuidadosamente observada, já que a relação entre família, escola e prática esportiva estão estritamente ligadas ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade das crianças no esporte escolar. O objetivo educacional em relação ao esporte estabelecido pela escola, família e criança é um fenômeno psicossocial e institucional, condicionado às circunstâncias onde as práticas esportivas escolares são orientadas e desenvolvidas. No entanto, as práticas esportivas escolares têm a sua representação voltada para o esporte escolar de competição. A(o) “mini-atleta” é uma realidade no clima familiar e escolar, incorporado às exigências do esporte de competição; a família (pai, mãe) tornam-se, deste modo, agentes controladores da vida esportiva dos filhos, especialmente nas escolas. O esporte praticado na escola faz parte do projeto esportivo traçado pela família para os filhos. Sob este ponto de vista, o esporte de competição pode tornar-se para os pais um aspecto importante para a vida de seu filho, fundamentado no papel desempenhado pela figura do “atleta” e à representação social do esporte na sociedade.

Na ótica de Svoboda & Patriksson (1996) a socialização através das práticas

esportivas é um fenômeno complexo - nunca termina. Se perguntássemos a qualquer pai, mãe, professor ou técnico sobre a socialização dos indivíduos através das práticas esportivas escolares, por certo teríamos inúmeras respostas em função do fascínio que o esporte de competição infantil exerce sobre o comportamento dos adultos e das crianças. A grande maioria dos educadores, técnicos e pais valorizam tudo aquilo que diz respeito “a prevalência do espetáculo esportivo” - em face do mundo esportivo externo. E, para completar o quadro, diríamos que o esporte de competição infantil é “igual” ao esporte de alto rendimento - envolve habilidades, valores, conhecimento e disposições dependentes de conseguir um papel específico no esporte. Afinal, o esporte escolar é moldado pela **causa** (fama, prestígio, bolsa de estudo em bons colégios), e pela **condição** (capacidade de rendimento) como os “senhores” da realidade esportiva. O “aluno-atleta” opera acionado por motivações, cobranças de resultandos - daí uma determinada conduta esportiva, que tende a despertar sensações agradáveis e desagradáveis em função da imagem reproduzida pelos valores implementados pelo **esporte espetáculo**.

Brustad (1992) enfatizou que as pesquisas não levam em conta as relações que tradicionalmente as famílias mantêm com os diferentes graus de envolvimento de seus filho(as) com as práticas esportivas escolares. Para o autor; as pesquisas sociológicas e psicológicas referentes ao esporte, não levaram em conta as relações entre as influências da socialização, fatores motivacionais, bem como as implicações dos esportes sobre o comportamento infantil. Todas essas concepções pretendem explicar a “essência” das práticas escolares esportivas e em cada uma delas, da própria participação dos adultos na vida esportiva das crianças. Assim, da participação de uma criança em qualquer modalidade esportiva nada se poderia inferir a respeito de suas capacidades de rendimento ou ser mais ou menos bem sucedido em diversos esportes. Barbanti (1989) demonstrou que os meninos são mais influenciados pelos amigos que as meninas, as quais são mais influenciadas pelos pais. Considerou que existe uma leve tendência dos pais exigirem mais das filhas do que dos filhos.

Acredita-se que a escola dá o primeiro impulso social no comportamento das crianças rumo às diferentes atividades físicas e esportivas. A recompensa esportiva torna o esporte escolar um grande enigma. Isso é determinado em

grande parte pela idéia cultural e social sobre o esporte em sociedade. Os novos caminhos que a sociedade vem dando para o esporte escolar nos leva à dicotomia entre o “ludens” e “faber”, já que num esporte de desiguais não haverá lugar para os “não preparados” para o rendimento desejado pelas instituições, equipes, professores/técnicos. Isto é, todas as crianças/adolescentes têm direito a participar das aulas de educação física, mas os menos habilidosos ficam à mercê da escolha dos companheiros de classe. Exemplo disso, o “gordinho” será o último a ser escolhido – e quando o for, para ser o goleiro.

As conseqüências desse comportamento diferencial encarado sob um perfil mais radical parece ter maior grau de identificação com o **de vencer a qualquer custo**. No presente trabalho é discutida a participação dos pais na vida esportiva dos filhos sob o ponto de vista da assistência direta, incentivo e dos diferentes níveis de exigências, pertinentes à participação das crianças nas práticas esportivas escolares.

OBJETIVO DO ESTUDO

Verificar de modo geral, e, especificamente quanto ao fato do adolescente ser do sexo masculino ou feminino, a participação do pai e da mãe separadamente na vida esportiva dos filhos, em relação aos aspectos:

- a) assistência direta;
- b) nível de incentivo;
- c) nível de exigência para a prática esportiva;
- d) nível de exigência para que seus filhos tornem-se bons atletas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participaram do estudo 143 meninos e 94 meninas, oriundos de diferentes classes sociais, com idade cronológica entre 12 a 14 anos e com média de idade em torno de 13,2 anos, participantes de turmas de treinamento dos sexos masculino e feminino, em quatro escolas de ensino público e quatro de ensino privado, durante o segundo semestre letivo de 1997, na cidade de Jundiaí - SP. Os dados foram coletados pessoalmente pelos componentes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do

Esporte – “GEPPSE” - “LAPSE” - Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - Brasil.

O estudo restringiu-se a pesquisar opiniões de escolares praticantes de diferentes modalidades esportivas: basquetebol, futebol de salão, handebol e voleibol, através do esporte escolar em escolas públicas e particulares de primeiro grau, quanto à participação do pai e da mãe em suas vidas esportivas. Não foram consideradas na pesquisa, diferenças sócio-culturais, econômicas e ideológicas dos adolescentes que participaram da pesquisa. O critério de escolha da amostra foi delimitado pelo fato dos mesmos comporem as equipes de competição da escola. Os dados foram coletados através da utilização de um questionário elaborado para verificar a opinião dos escolares sobre a participação do pai e da mãe em relação às suas atividades esportivas dentro das escolas, em relação à assistência direta, incentivo, nível de exigência para a prática esportiva e nível de exigência para que se tornassem bons atletas. Cada sujeito pesquisado indicou a freqüência com as quais pais e mães apresentavam cada uma das variáveis estudadas em relação às práticas esportivas escolares, através de uma escala semântica, de quatro níveis, com diferentes terminologias conforme a variável considerada. Os dados foram analisados através de estatística descritiva, através de análise das freqüências absoluta e relativa das respostas obtidas, considerando-se o sexo dos indivíduos e, o fato das respostas referirem-se ao pai o à mãe do(a) jovem atleta. O teste qui-quadrado foi empregado para verificar a influência do pai e da mãe separadamente, sobre cada uma das variáveis estudadas em relação ao fato de filho(a) ser sexo masculino ou feminino; as análises foram realizadas em um nível de significância estatística de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assistência direta

Os dados obtidos junto aos meninos e meninas, em relação à assistência direta do pai e da mãe são apresentados nas TABELAS 1 e 2.

TABELA 1 – Distribuição de valores absolutos e percentuais obtidos através das opiniões dos escolares no que diz respeito à “Assistência direta do pai”.

Sexo	Nunca assiste	Assiste raramente	Assiste algumas vezes	Assiste todas as vezes	Total
Masculino	20 (14,49)	18 (13,04)	44 (31,88)	56 (40,58)	138
Feminino	11 (11,83)	18 (19,35)	32 (34,41)	32 (34,41)	93

Qui-Quadrado = **2,377**
 nível descritivo = **0,498**

Na tentativa de situar as manifestações expressas nas opiniões dos escolares pesquisados, os resultados demonstram que nenhuma relação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) foi verificada entre a assistência direta do **pai** e o fato do atleta ser do sexo masculino ou feminino. Nas opiniões das crianças, o **pai** parece desempenhar papel igualmente importante na vida esportiva de jovens de ambos os sexos, pois o percentual de respostas entre as alternativas “algumas vezes” e “todas as vezes” totaliza a maioria das respostas – 72,46% para os meninos e 68,82% para as meninas. O **pai** foi descrito como um agente social engajado em objetivos que podem facilitar a participação dos filhos nas práticas escolares esportivas. Assessorar diretamente os filhos aspira interesses do **pai** pelos filhos em torno de explicações e soluções de cunho interativo. É resposta ao anseio do adulto de acompanhar as realizações esportivas dos filhos.

É certamente oportuno citar Lewko & Greendorfer (1996) por demonstrar que os adultos deveriam compreender melhor a importância do processo da socialização das crianças através das práticas esportivas escolares, tendo em vista que escola e família são elementos essenciais do processo de formação da personalidade infantil e dos problemas relacionados com o intercâmbio de comportamento

das crianças – esses condicionados às facilidades ou dificuldades impostas pela transmissão de valores e tradições culturais com as características do esporte escolar, participativo e de alto rendimento em diferentes tipos de sociedades. A assistência direta do pai estaria integralmente conectada à identidade e significado social que as práticas esportivas escolares representam na formação e desenvolvimento da personalidade das crianças/adolescentes e lideranças adultas. Entende-se aqui por assistência direta do pai na vida esportiva dos filhos como o conjunto de manifestações humanas de apoio socialmente construído e latentes de proteção familiar que habitualmente facilitam ou dificultam o êxito das crianças em atividades esportivas - em condições de auto-satisfação e sucesso individual.

Com relação à assistência direta da mãe na vida esportiva dos filhos, também não foi observada nenhuma relação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a assistência direta da **mãe** e o fato do atleta ser do sexo masculino ou feminino, ou seja, a mãe parece desempenhar um papel importante na vida esportiva de jovens atletas de ambos os sexos, pois o percentual de respostas entre as alternativas “algumas vezes” e “todas as vezes” totaliza a maioria das respostas – 64,79% para os meninos e 69,89% para as meninas, como demonstrado na TABELA 2.

TABELA 2 - Distribuição de valores absolutos e percentuais obtidos através das opiniões das crianças no que diz respeito à assistência direta da mãe.

Sexo	Nunca assiste	Assiste raramente	Assiste algumas vezes	Assiste todas as vezes	Total
Masculino	24 (16,90)	26 (18,31)	51 (35,92)	41 (28,87)	142
Feminino	10 (10,75)	18 (19,35)	31 (33,33)	34 (36,56)	93

Qui-Quadrado = **2,649**
 nível descritivo = **0,449**

Vemos que, do ponto participativo, a **mãe** cumpre uma função importante no processo de formação e desenvolvimento da personalidade esportiva dos filhos, na medida em que permite às crianças estabelecerem correspondências com os diferentes tipos de jogos escolares. O mundo das práticas escolares esportivas é amplo para abrigar todo tipo de pessoas e não há, conforme os resultados, por que hierarquizar um interesse maior da **mãe** em relação ao **pai**. O elemento fundamental desse processo é a interação de uma relação participativa entre a família, escola e o esporte, acentuando a importância da arte de conviver e de cooperar para o pleno desenvolvimento esportivo dos filhos. A identificação de que **pai** e **mãe** procuram dar aquela assessoria na vida esportiva dos filhos dentro das escolas certamente é importante para incentivar a realização de tarefas competitivas no cenário do esporte de competição infantil - modelo de realidade social e esportiva que expressa claramente que as lideranças adultas se colocam em posições privilegiadas com relação às possibilidades de assessorar e incentivar em diferentes níveis, a participação dos filhos no esporte.

O desempenho dos “atletas” em idade escolar, que é socialmente determinado, e sobretudo condicionado pelo fator competição, compreende as modificações em níveis de aprender a jogar, saber jogar e saber vencer à sombra de circunstâncias específicas envolvidas com as modificações de comportamento resultantes, essencialmente do desenvolvimento da capacidade física, técnica e tática – do próprio corpo em função da capacidade de produtividade. A grande questão parece ser o guia das lideranças adultas no caminho da aprendizagem no esporte educacional, e valendo-se de um entusiástico interesse pelas práticas esportivas escolares, os adultos fixam as metas e estabelecem os limites dos treinamentos.

As orientações educacionais e esportivas favorecem a função socializadora do esporte escolar, pois é difícil falar do esporte, segundo Svoboda & Patriksson (1996), sem referir-se ao desenvolvimento da personalidade, especialmente dos valores educacionais e esportivos envolvidos com as influências ao longo dos caminhos a percorrer pelas crianças/adolescentes e adultos.

Nível de incentivo

O incentivo dos familiares é fundamental: em si, é demasiado complexo; depende de diversos fatores diretamente relacionados construtivamente em termos das necessidades dos familiares e das crianças/adolescentes. Não há dúvidas de que um dos papéis essenciais do pai e da mãe seja o de incentivar as crianças no sentido de participarem do esporte e, assim, dar a elas a mais estreita cooperação, e de tal modo acelerar a sua prontidão esportiva, sua maturidade e uma grande variedade de atividades no mundo dos campos, quadras, piscinas e pistas. É fundamental saber quais são as opiniões que meninas e meninos têm em relação aos incentivos recebidos dos pais e mães nessa expectativa de todos conseguirem seus objetivos. Dir-se-ia que a participação adulta na vida esportiva dos filhos opera em função dos incentivos com a frequência das dificuldades de desenvolvimento individual, nos diferentes tipos de esportes individuais e coletivos.

O incentivo é uma tarefa social, mais que puramente uma questão puramente esportiva, já que o esporte de competição infantil não leva em consideração a diversificação cultural dos “atletas”. A potencialidade – forma elementar de rendimento – é o que determina o sucesso esportivo. Os resultados obtidos para verificar a participação dos pais, condizentes com a realidade de seus incentivos pessoais, estão apresentados na TABELA 3.

TABELA 3 - Distribuição de valores absolutos e percentuais obtidos através de opiniões das crianças em “Nível de incentivo do pai”.

Sexo	Não encorajou	Muito pouco encorajamento	Pouco encorajamento	Bastante encorajamento	Total
Masculino	17 (12,14)	12 (8,57)	23 (16,43)	88 (62,86)	140
Feminino	7 (7,53)	8 (8,60)	15 (16,13)	63 (67,74)	93

Qui-Quadrado = **1,365**
nível descritivo = **0,714**

Os resultados mostram que nenhuma relação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) foi

encontrada entre o nível de incentivo do **pai** para a prática esportiva e o fato de o atleta ser do sexo

masculino ou feminino, ou seja, o pai parece que incentiva de modo igual seus filhos para o esporte, independentemente de ser um menino ou uma menina. Os resultados indicam também que os pais incentivam/encorajam muito as crianças para o esporte – mais de 60% de respostas para ambos os sexos. Faz-se necessário destacar que os incentivos pessoais determinam, em termos das necessidades dos filhos, as motivações que as crianças precisam nas diferentes práticas esportivas escolares. A qualidade dos incentivos e os exemplos dos adultos variam em termos de engajamento como a principal força de influência aos filhos. O incentivo, portanto, é uma atividade adulta essencial para as crianças/adolescentes adquirirem auto-estima, controle e consciência de ter o pai como um agente incentivador. É uma indicação que o mundo dos adultos exerce uma atividade efetiva sobre a vida esportiva das crianças.

Se aos pais cabe conduzir e incentivar os filhos em todos os níveis de desenvolvimento, o problema interativo, para Svoboda & Patriksson (1996), estaria em descobrir quais são as relações de causa e efeito desses

mecanismos comprometidos com as “performances” de condutas pessoais. Parece difícil compreender o fato, simples, porém complexo, tendo em vista que os “atletas” em idade escolar diferem em vários aspectos de sua maneira de encarar o esporte escolar. Isto representa que as crianças em situação escolar não estão apenas situadas na relação educativa, mas situadas frente à cultura esportiva composta de valores que permitem aos adultos posicionar-se sobre o papel das práticas esportivas nas escolas, ensinado que as crianças/adolescentes vão ter chance de ser alguém no esporte de alto rendimento.

Na análise do incentivo que incidem na vida esportiva das crianças, as mães em todas as fases se empenham em orientar e conduzir os filhos a ajustar-se às normas familiares. É natural que a autoridade materna seja um ponto sensível para a formação e desenvolvimento dos filhos, especialmente no esporte escolar. A identificação desse incentivo pessoal nas opiniões dos filhos e filhas está demonstrado na TABELA 4.

TABELA 4 - Valores absolutos e percentuais de respostas e resultado do teste Qui-quadrado da variável “Nível de incentivo da mãe”.

Sexo	Não encorajou	Muito pouco encorajamento	Pouco encorajamento	Bastante encorajamento	Total
Masculino	18 (12,59)	13 (9,09)	26 (18,18)	86 (60,14)	143
Feminino	5 (5,38)	6 (6,45)	17 (18,28)	65 (69,89)	93

Qui-Quadrado = **4,332**

nível descritivo = **0,228**

Os dados obtidos demonstram que não foi observada uma relação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre o nível de incentivo da **mãe** para a prática esportiva e o fato de o atleta ser do sexo masculino ou feminino, ou seja, a **mãe** parece que incentiva de modo igual seus filhos para o esporte, independentemente de ser um menino ou uma menina. Esta situação mostra que as mães, em relação à incentivo, contribuem efetivamente com a vida esportiva dos seus filhos. Pode-se afirmar que as mães incentivam/encorajam muito a participação dos seus filhos para o esporte - mais de 60% de respostas para ambos os sexos. Elas praticamente favorecem nas crianças a capacidade para estabelecerem relações entre as diversas práticas esportivas. Nota-se, também, que nas opiniões das crianças o incentivo dos pais e mães

favorece igualmente a participação masculina e feminina nos diferentes tipos de modalidades esportivas, pois a sexualidade tem sido mostrada na literatura como uma variável resistente à participação das meninas em práticas escolares esportivas competitivas.

Nesse pensamento está a própria história dos jogos e o fascínio de competir, ganhar e vencer, tendo em vista que a competição por prestígio e ascensão social em campos que se tornam cada vez mais complexos obriga a uma especialização precoce que, com muita frequência, conduz a diferentes tipos de interesses dos adultos em relação à participação esportiva das crianças. Seria perfeitamente possível responder que as práticas esportivas escolares inseridas no contexto do esporte infantil reflete um modelo que incorpora

didaticamente o conjunto de conhecimentos, hábitos e valores do esporte espetáculo. As próprias manifestações humanas, conforme experiências e relatos, de Martens, Christina, Harvey Junior & Sharkey (1981), Brown & Grineski (1992) mostram que a interferência adulta, a capacidade de rendimento e a detecção de talentos são diretrizes que asseguram os objetivos propostos nos vários níveis de ensino das práticas esportivas - compreendidos como lógico e racional pela sociedade. Isto mostra que o processo educacional esportivo nas escolas tem como finalidade estimular e conduzir as crianças/adolescentes para o esporte de competição infantil.

Nível de exigência para a prática esportiva

À medida que o nível de exigência dos pais aumenta, é de se esperar que essas influências sejam ainda mais importante para a compreensão do esporte escolar, exatamente porque os interesses são familiares e porque o esporte é um modelo de ascensão social rápido. É possível que haja uma ligação com forte nível de exigência dos familiares na fase de desenvolvimento das personalidades infantis. Como relato desses argumentos, os dados sobre os níveis de exigência do pai para seus filhos praticarem esporte, estão demonstrados na TABELA 5.

TABELA 5 - Distribuição de valores e percentuais de respostas obtidos através das opiniões das crianças em “Nível de exigência do pai para a prática esportiva”.

Sexo	Nunca exigiu	Exigiu algumas vezes	Sempre exigiu	Total
Masculino	87 (61,70)	29 (20,57)	25 (17,73)	141
Feminino	72 (76,60)	17 (18,09)	5 (5,32)	94

Qui-Quadrado = **8,832**
nível descritivo = **0,012**

Os resultados em nível de exigência do pai indicaram uma relação estatisticamente significativa com o sexo das crianças ($p = 0,012$); as crianças do sexo masculino apresentaram um índice de exigência por parte do pai para a prática esportiva (38,3% das respostas) maior do que o sexo feminino (23,41%). Nota-se que para ambos os sexos, **a maioria dos pais nunca exigiram** (acima dos 60%) que seus filhos tivessem uma vida esportiva. Pode-se afirmar, portanto, que do ponto de vista de exigência, os meninos são cobrados diferentemente das meninas, determinando naturalmente a busca da compreensão, do sentido e capacidade de rendimento, funcionalmente falando.

Examinemos, em primeiro lugar, que o grau de exigência pressupõe um interesse adulto que desencadeia inúmeros problemas. Este é justamente o caso quando os pais querem, por algum motivo, que seus filhos participem de um determinado esporte, pois em todas as situações esportivas, as exigências adultas levam à uma pergunta crucial: “a criança seria um atleta-adulto em miniatura?”. Go Tani, Teixeira & Ferraz (1994) apontaram que algumas preocupações, chamam a atenção dos familiares, estudiosos e pesquisadores da criança dentro do esporte de competição, especialmente em torno daqueles elementos ligados à formação e desenvolvimento da

personalidade infantil. Esses autores afirmaram que muitos acreditam que a competitividade infantil é levada para a vida social dos indivíduos, enquanto que outros acreditam que a dedicação, disciplina e a cooperação desenvolvidas no esporte contribuem para a formação das crianças.

Na verdade, as práticas escolares competitivas sempre geram controvérsias, especialmente quando se associa a meninos e meninas. Lima (1990) escreveu que o indivíduo que compete é submetido a inúmeras exigências, inclusive as sociais, tendo em vista que os indivíduos se expõem ao julgamento dos demais. Esta situação tem conseqüências educacionais e pode estar presente no processo de formação e desenvolvimento das habilidades esportivas. É indispensável ainda citar que o nível de orientação educacional e esportiva inclui uma questão psicossocial fundamental no comportamento esportivo, já que são colocados diante de possibilidades de fracasso em qualquer momento do processo de formação e desenvolvimento dentro do cenário das práticas esportivas escolares. Aqui, o “fracasso” esportivo deve ser compreendido como um mecanismo de atitudes e valores às condições das potencialidades dos “atletas” em descobrir-se a si mesmo e contra inúmeros temores

que norteiam as variáveis influentes em sua vida esportiva.

De igual maneira a questão se coloca em relação às exigências de ordem pessoal por

parte da mãe em relação à vida esportiva dos filhos, cujos resultados obtidos junto a 237 meninos e meninas estão demonstrado na TABELA 6.

TABELA 6 - Distribuição de valores e percentuais de respostas obtidos através das opiniões das criança em “Nível de exigência da mãe para praticar esporte”.

Sexo	Nunca exigiu	Exigiu algumas vezes	Sempre exigiu	Total
Masculino	98 (69,01)	27 (19,01)	17 (11,98)	142
Feminino	74 (78,72)	11 (11,70)	9 (9,57)	94

Qui-Quadrado = **2,905**
nível descritivo = **0,234**

Verificou-se a inexistência de relação estatisticamente significativa com o sexo dos indivíduos ($p < 0,05$); as crianças do sexo masculino apresentaram um índice de exigência maior por parte da mãe para a prática esportiva (30,99% das respostas) do que o sexo feminino (21,27%). Os resultados foram altamente consistentes para ambos os sexos, pois maioria das mães não exige que os filhos tenham uma vida esportiva (acima de 60% para os dois sexos), com um percentual maior para as meninas (78,72 contra 69,01%). Uma interpretação possível para esses resultados é que as mães percebem nos meninos comparados com as meninas, agentes promissores nos diferentes tipos de esportes individuais e coletivos. O sucesso infantil torna-se a verdadeira natureza de suas participações em qualquer esporte de competição infantil.

Nível de exigência para tornar-se bom atleta

Roberts (1980) argumentou que as posições relacionadas com a participação das

crianças nos diferentes tipos de esportes competitivos são as mais polêmicas - não havendo consenso sobre essa participação. O objetivo dos familiares é que seus filhos atinjam bons resultados - vitórias. Competir significa, para De Rose Junior (1992), estar preparado para enfrentar desafios e demandas no mais alto grau de excelência. Isto parece indicar a influência do comportamento dos adultos no estabelecimento de relacionamentos interpessoais entre “esporte-família-criança-competição”. De fato, pode existir o risco das crianças, funcionalmente falando, serem consideradas num ponto como “atleta em miniatura”. Portanto, a maneira como pais e mães agem com as crianças parece significativa no estabelecimento de um conjunto de linhas bem definidas de participação na vida esportiva das crianças. A força de influência do pai em nível de exigências pessoais para que seus filhos se tornem bons atletas, está apresentada na TABELA 7.

TABELA 7 - Distribuição de valores e percentuais de respostas obtidos através das criança em relação às exigências do pai para que se tornem bons atletas.

Sexo	Nunca exigiu	Exigiu algumas vezes	Sempre exigiu	Total
Masculino	76 (53,52)	25 (17,61)	41 (28,87)	142
Feminino	57 (61,29)	23 (24,73)	13 (13,98)	93

Qui-Quadrado = **7,422**
nível descritivo = **0,024**

De acordo com os resultados observados, existe relação estatisticamente significativa ($p = 0,024$) entre o sexo dos indivíduos e as exigências do **pai** para que eles(as)

se tornem bons (boas) atletas. Em média, atletas do sexo masculino apresentaram maiores exigências do **pai** para se tornarem bons atletas (46,48%) do que atletas do sexo feminino (38,71%); porém, os

dados demonstram que a maioria dos pais não exigem bons resultados esportivos de seus filhos. As evidências sugerem que o conhecimento dos pais sobre a maneira de se comportarem em relação às crianças nas práticas escolares esportivas tem relação diferenciada quanto se trata de meninos e meninas - existe um grau de exigência muito maior em torno dos meninos à guisa do esporte de competição infantil. O problema não é o conjunto de valores que os pais possuem sobre as práticas escolares esportivas, mas as influências ou “pressões” que eles podem exercer, em níveis sócio-afetivos e emocionais, em relação ao sucesso e/ou fracasso das crianças. Diríamos que nem todos os pais se caracterizam como “técnicos” dos seus filhos, nem contestaríamos o direito dos adultos se considerarem como verdadeiros “cientistas e tecnólogos” do esporte moderno.

Os pais, então, são indivíduos que se ocupam de compreender as práticas escolares esportivas de uma maneira que tudo ocorre dentro de um certo quadro de referências de limites estabelecidos por eles como sujeitos de conhecimento. É possível perceber que o compromisso das lideranças adultas com as práticas esportivas escolares é com o êxito e o fracasso dos seus filhos - nomeadamente em relação às metas, objetivos e desejos pessoais. Diríamos que pais e filhos estão diante daqueles fatos que englobam os níveis de participação e especialização das crianças em idade escolar. O próprio caráter dos valores éticos e morais do

esporte escolar pode se desenvolver sob a natureza dos diferentes sistemas educacionais esportivos, hábitos e costumes. As causas e efeitos desses agentes sociais se mantêm de geração em geração com os diferentes tipos de práticas esportivas participativas e competitivas. Alguns estudiosos citados por Barbanti (1992), escreveram que a competitividade infantil pressiona demais as crianças sob o ponto de vista físico - e psicologicamente, colocam o comportamento dos adultos como maléficis quando enfatizam demasiadamente as vitórias.

Esse objetivo leva pais e professores/técnicos a “pressionarem” sobremaneira a participação das crianças no esporte de competição. Diríamos então que a forma e o grau de exigência adotado pelos pais para que os filhos se tornem bons atletas demonstra claramente que estão preocupados com a consecução de seus fins, portanto, agindo com personagens que procuram intencionalmente, por sua vez, submeter voluntariamente os filhos às suas exigências pessoais e necessárias para que os filhos se tornem bons atletas. E como eles se interessam em fazer das crianças grandes atletas, nada que as crianças façam poderá ser totalmente agradável para eles. Mas gostaríamos de ir um pouco além e, colocarmos as opiniões dos meninos e das meninas sobre o nível de exigências das mães para que seus filhos se tornem bons atletas, cujos valores e percentuais estão demonstrados na TABELA 8.

TABELA 8 - Distribuição de valores e percentuais de respostas obtidos através das criança em relação às exigência da mães para que os filhos se tornem bons atletas.

Sexo	Nunca exigiu	Exigiu algumas vezes	Sempre exigiu	Total
Masculino	86 (60,56)	22 (15,49)	34 (23,94)	142
Feminino	58 (62,37)	19 (20,43)	16 (17,20)	93

Qui-Quadrado = **2,015**
nível descritivo = **0,365**

De acordo com os resultados observados, não existe relação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre o sexo do atleta e a exigência da mãe para que as crianças se tornem bons (boas) atletas. Expressando os dados, as crianças reconhecem que a maioria das mães não exigem bons resultados esportivos de seus filhos. As evidências indicam que as mães são menos exigentes que os pais em ambos os sexos. Talvez, o comportamento delas esteja associado a um

elevado “espírito” sobre os reais objetivos das práticas escolares esportivas, ou seja, a interação das crianças com os diferentes tipos de esportes - naturalmente, mantendo expectativas em torno das possibilidades dos filhos se tornarem bons (boas) atletas. Assim, o clima participativo das mães na vida esportiva dos filhos pode produzir efeitos benéficos no desenvolvimento da personalidade infantil através do esporte escolar, já que as preferências adultas são contínuas e as crianças

geralmente captam os níveis de exigências dos adultos para que se tornem atletas. Rosen (1978) escreveu que o processo de interação esportiva poderia ser implementado pelos próprios professores, técnicos ou psicólogos com o intuito de compreender as razões e os objetivos da participação infantil no esporte de competição.

Qual, então, a forma e o grau de participação que deve ser adotado pelo pai e mãe na vida esportiva dos filhos? Sanmartín (1995) resumiu adequadamente a situação: que os pais devem facilitar as situações e os momentos que motivem os filhos às práticas esportivas - inculcando o espírito do desfrute pelas atividades esportivas acima de qualquer interesse, e facilitar as experiências positivas que o esporte infantil proporciona. Hainemann (citado por Sanmartín, 1995) realçou que tanto no cenário social como no esportivo, a identidade social; identidade do “eu”; força do “eu” e a solidariedade com as obrigações sociais desempenham um processo fundamental na integração social entre as crianças/adolescentes e os diferentes tipos de esportes.

A expansão das práticas esportivas escolares ganhou clima social, atingindo níveis altamente competitivos através do esporte escolar de competição, e tendo na participação dos adultos o ponto crucial desse processo educacional esportivo - interpretadas pelas crianças/adolescentes com uma dimensão altamente competitiva de vencer a qualquer custo. Pode se falar em interesse imediato quando um processo educacional e esportivo tem um fim em si próprio: o de socialização através das diferentes práticas escolares esportivas, mas especificamente nos jogos. Há o interesse imediato da criança em participar com o objetivo de poder obter algum ganho futuro.

CONCLUSÃO

De modo geral, verificou-se a tendência de o pai como a mãe participarem da vida esportiva dos filhos. Entendendo as práticas esportivas escolares como um componente fundamental na formação esportiva das crianças/adolescentes, o esporte escolar está apoiado num modelo estruturado e desenvolvido pelos adultos com a responsabilidade de assessorar e incentivar os filhos nas resoluções dos problemas de formação esportiva. Isso se daria através de diferentes mecanismos de poder e complexidade de relacionamento entre as lideranças adultas e

crianças/adolescentes, caracterizando que são muitas as formas de manifestações expressas nesse cenário. Na tentativa de situar teoricamente essas formas de manifestações expressas entre pais e filhos nas práticas esportivas escolares, existiria um sistema de valores adultos exercendo atrações sobre os filhos, fornecendo identidades convincentes e, portanto, definindo um perfil do comportamento esportivo tanto por parte do sistema educacional esportivo quanto por uma certa uniformidade de comportamento adulto, que poderia ajudar as crianças/adolescentes a encontrarem a própria identidade no contexto das práticas esportivas escolares, que poderiam ir além do “Fair play”.

Competir, ganhar, vencer a qualquer custo (...), reproduziria exatamente tudo aquilo que os pais querem dos filhos como “atletas”, pois a vida esportiva das crianças, em tudo se associa às influências do ganhar, vencer a qualquer custo, de tal forma que os elementos culturais, sociais e psicológicos envolvidos com formação educacional e esportiva das crianças, só poderiam ser compreendidas através de comportamentos adotados pelas instituições educacionais, das quais elas pertencem. Entretanto, isto nada nos diz da eficiência de rendimento das crianças/adolescentes no esporte - do ímpeto das atitudes educativas e esportivas à sensibilidade desses personagens, à compreensão necessária de submissão aos desejos dos adultos. Se os pais e a escola não proporcionam a orientação educacional esportiva e o apoio necessário, as crianças/adolescentes podem encontrar dificuldades nesse caminho esportivo.

Mas um fato que permanece claro no clima social esportivo é que, na maioria das escolas públicas e privadas, os “alunos-atletas” se defrontam com o papéis e funções específicas e com todas as contradições entre o que é ensinado e as influências que adultos lhe impõem em relação às práticas esportivas escolares, e não é de estranhar que esse processo os deixa dependentes com variação nas situações de assistência direta de pai e mãe, incentivo pessoal dos adultos, nível de exigência vigiada e de exigência de manifestação pessoal para que os filhos se tornem bons atletas.

Em conclusão, vale dizer que os resultados desse estudo estão na liberdade que as crianças tiveram para descrever o comportamento dos pais e mães; que não foram encontradas relações estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre a **assistência direta** do pai e da mãe, e o fato de serem os filhos do sexo masculino ou feminino; indicando que ambos tendem a desempenhar

papéis igualmente importantes na vida esportiva dos filhos de ambos os sexos. Também, não foram observadas relações significativas ($p < 0,05$) entre o **nível de incentivo do pai e da mãe** e o fato do filho ser do sexo masculino ou feminino; o pai e a mãe (acima de 60%) encorajam muito seus filhos para as práticas esportivas - reforçando os argumentos de que as crianças precisam ser auxiliadas a conferir e dar sentido a cada uma das modalidades esportivas que praticam para que se ajustem em torno do prazer de participar.

Quanto ao nível de exigência para praticarem esporte e para tornarem-se bons atletas, a maioria dos pais (pai e mãe) **não exigem** isso de seus filhos, seja ele menino ou menina (TABELAS 5,6,7 e 8). No entanto, observaram-se relações estatisticamente significativas ($p = 0,012$ e $p = 0,024$) entre o **nível de exigência do pai** e o fato do filho ser do sexo masculino ou feminino; indicando maior exigência para os meninos (TABELAS 7 e 8). No que diz respeito ao **nível de exigência da mãe**, os resultados indicaram a não

existência de diferenças significativas ($p < 0,05$) em ambas as variáveis. O simples fato de um percentual do pai (28,87%) exigir dos filhos que se tornem bons atletas (meninos) num estágio precoce nos leva a indagar como é possível a certos educadores cumprirem seus papéis e quais são as condições adequadas para que possam formar e desenvolver a personalidade infantil através das práticas esportivas escolares.

Através das opiniões de 235 crianças sobre a participação dos pais em suas vidas esportivas, foi possível, com o presente estudo, obter-se um indicativo dos fenômenos psicossociais, sóciodinâmicos e institucionais que podem influir decisivamente no comportamento de quem fixa as metas educacionais esportivas, estabelecem os limites do esporte escolar em termos das necessidades dos alunos, educadores e lideranças adultas, especialmente, a tudo que compete ao envolvimento das lideranças adultas na vida esportiva das crianças em idade escolar.

ABSTRACT

PARENTS' PARTICIPATION IN THEIR CHILDREN'S SPORTING LIFE

The youth sport is a social model that is part of education during childhood and adolescence. It is organized as a function of the social and cultural values where it is developed, being inevitable setting up links between sport, the child/adolescent and the adult, which involves paternalism, emotions and "pressures" on the leadership of the latter, like a type of "ritual" between parents and children. We can say that the adult leadership could influence decisively the sporting formation at the school age, because they consider sport as a means of social ascension for the children. The aim of the present survey was to study the parents' participation in their children's sporting life, who took part in a sports school. Two hundred and thirty five pupils participated in the research, answering descriptive and objective questions about father and mother's participation separately, in relation to the direct attendance, incentive level, demand level for the sporting practice and demand level required for a child to become a good athlete. No significant relationships were observed between mothers' role and gender. In regard to the father's role, significant influences were found in variables such as "demand level for the sporting practice" and "demand level for the child to become a good athlete" and gender. The results indicated that the father's demand in relation to the son (46%) is greater than that shown for the daughter (38%).

UNITERMS: Parent's participation; Children - sporting practice; School - competition.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBANTI, E.J. A criança e o esporte competitivo. In: SIMPÓSIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, São Paulo, 1992. **Anais**. São Paulo, EFE/EEFE, 1992. p.26-33.
- BARBANTI, V.J. **Influência dos pais na formação esportiva dos filhos**. São Paulo, 1989, 45p. Tese (Livre Docência) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- BROWN, L.; GRINESKI, S. Competition in physical education: an education contradiction? **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v.3, p.77, 1992.
- BRUSTAD, R.J. Integrating socialisation influences into the study of children's motivation sport. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.14, p.59-77, 1992.
- De ROSE JUNIOR, D. Considerações sobre a participação da criança no processo competitivo. In: SIMPÓSIO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, São Paulo, 1992. **Anais**. São Paulo, EFE/EEFE, 1992. p.26-33.
- FELKER, M. Fundamentos da iniciação esportiva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO CONE SUL, 6., Porto Alegre, 1998. **Programa**. Porto Alegre, Secretaria de Esportes e Turismo, 1998.
- LEWKO, J.; GREENDORFER, S.L. Family and gender- based influences in sport socialization of children and adolescents. In: SMOLL, F.L.; SMITH, R.E. **Children and youth in sport**. Washington, Brown & Benchmark, 1996. p.287-300.
- LIMA, T. Os limites da alta competição. **Revista Horizonte**, v.8, n.39, p.74, 1990.
- MARTENS, R.; CHRISTINA, R.W.; HARVEY JUNIOR, J.S.; SHARKEY, B.J. **Coaching young athletes**. Champaign, Human Kinetics, 1981.
- ROBERTS, G.C. Children in competition: a theoretical perspective and recommendations for practice. **Motor Skills: Theory into Practice**, v.4, n.1, p.37-50, 1980.
- ROSEN, A. The man in charge. In: MARTENS, R. **Joy and sadness in children's sport**. Champaign, Human Kinetics, 1978. p.300-15.
- SANMARTÍN, M.G. **Valores sociales y deporte**. Madrid, Editorial Gymnos, 1995.
- SVOBODA, B.; PATRIKSSON, G. Socialización. In: VUORI, I. et al. **La función del deporte en la sociedad: salud, socialización**. Madrid, Ministerio de Educación y Cultura/Consejo de Europa, 1996. p.99-121.
- TANI, G.; TEIXEIRA, L.R.; FERRAZ, O. Competição no esporte e educação física escolar. In: CONCEIÇÃO, J.A.N. **Saúde escolar: a criança, a vida e a escola**. São Paulo, Sarvier, 1994. p.73-86.

Recebido para publicação em: 11 mar. 1999

Revisado em: 28 abr. 1999

Aceito em: 25 maio 1999

ENDEREÇO: Antonio Carlos Simões
Departamento de Esporte
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65
05508-900 - São Paulo - SP - BRASIL
e-mail: acsimoes @ usp.br.